

**Evidências Lingüísticas para a Reconstrução de um
Nominalizador de Objeto ****-Mi-** em Proto-Tupí**

**(Linguistic Evidences for the Reconstruction of a Proto-Tupí
Object Nominalizer ****-Mi-**)**

Aryon Dall'Igna RODRIGUES*
Ana Suelly Arruda Câmara CABRAL*
Beatriz Carretta Corrêa da SILVA*
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

RESUMO

Apresentamos uma proposta de reconstrução para o Proto-Tupí de um processo derivacional que teria formado nomes de objeto a partir de verbos transitivos, por meio de um prefixo ****-mi-**, cujo resultado teria sido combinado com um mediador de posse indireta ****-e(p)-**. A proposta, desenvolvida mediante o Método Histórico-Comparativo, é fundamentada por vários dados de sete das dez famílias que constituem o tronco lingüístico Tupí.

PALAVRAS-CHAVE

Lingüística Histórica. Reconstrução Lingüística. Nominalização. Posse Mediada. Morfossintaxe. Tronco Tupí.

* Sobre os autores ver páginas 38/39.

ABSTRACT

*This paper deals with the reconstruction of a Proto-Tupí derivation process by which names of object would be derived from transitive verbs by means of a prefix ***-mi-*, whose resulting form would have been combined with a marker for mediated possession ***-e(p)-*. This proposal, developed according to the Historical Comparative Method, is supported by data from seven of the ten families which constitute the Tupí linguistic stock.*

KEYWORDS

Historical Linguistics. Linguistic Reconstruction. Nominalization. Mediated Possession. Morphosyntax. Tupí Linguistic Stock.

Introdução

Neste artigo, apresentamos a hipótese de que, no estágio anterior à diversificação do Proto-Tupí (PT) em dois grandes ramos, o oriental e o ocidental (CABRAL e RODRIGUES, 2001; RODRIGUES e CABRAL, 2004; CABRAL, 2003), teria havido um processo de nominalização de um tema transitivo por meio de um prefixo derivacional, cujo resultado teria sido um nome significando o objeto do processo expresso pelo verbo ou o resultado deste (DIETRICH, 1990, p. 71). Chamamos os reflexos desse morfema nas línguas Tupí de ‘nominalizador de objeto’ (NO), pois assim tem sido tradicionalmente referido nos estudos Tupí-Guaraní, desde o trabalho de Rodrigues (1953) sobre a morfologia do Tupinambá. Demonstraremos, com dados das línguas comparadas, que o PT ***-mi-* teria tido aquela função de manifestar o resultado de um processo verbal ou do objeto desse processo, em relação ao respectivo agente (realçando o feito de alguém) e em situações pragmáticas determinadas. A hipótese que aqui apresentamos fundamenta-se na presença de morfemas cognatos e com a mesma função nas línguas das famílias Tuparí e Arikém (ramo ocidental), Mundurukú, Mawé, Awetí e Tupí-Guaraní (ramo oriental).

Reflexos do PT ****-mi-** em famílias do ramo oriental

Reflexos do PT ****-mi-** são encontrados nos oito subconjuntos que constituem a família Tupí-Guaraní¹: GA *-emi-*, Ch *-emi-*, Is *-emi-*, Nd *-emi-*, Mb *-emi-*, Kw *-emi-*, Xe *-emi-*, (subconjunto I); Gy *-emi-*, (subconjunto II); Tb *-emi-*, Tk *-emi-*, LGA *-emi-*, (subconjunto III); Tm/Gj *-emi-*, Su *-emi-*, As-T *-emi-*, Pa *-emi-*, Tp *-emi-*, Av-C *-emi-*, (subconjunto IV); As-X *-emi-*, Ar *-emi-*, An *-emi-*, Ad *-emi-*, (subconjunto V); Ap *-emi-*, Kb *-emi-*, Pr *-emi-*, (subconjunto VI); Km *-emi-*, (subconjunto VII); Em *-emi-*, Wa *-emi-*, WJ *-emi-*, Zo *-(e)bi-*, Gu *-emi-*, Ka *-emi-*, (subconjunto VIII). O segmento *e*, encontrado nos reflexos do Proto-Tupí Guarani (PTG) **-emi-*, corresponde, na nossa hipótese, à combinação de temas derivados por meio de ****-mi-** com um prefixo mediador de posse indireta **-ep-*, que continua ativo em línguas como o Mundurukú -*e-* e como o Makuráp *-ep-*². Esses são a base para a reconstrução de um PTG **-emi-* (ver também JENSEN, 1990; DIETRICH, 1990). Os processos de derivação de nomes de objeto continuam ativos em várias línguas da família, mas em outras há apenas vestígios do antigo morfema nas formas fonológicas de algumas palavras, como no Emérillon (ROSE, 2003) e no Ka'apor. Há ainda línguas em que não foram encontrados vestígios de antigos cognatos deste morfema, como o Guayakí e o Sirionó (DIETRICH, 1990, p. 71). Nas línguas em que reflexos do PTG **-emi-* são ou foram ativos (estes últimos são os casos de línguas extintas como o Tupinambá e o Guaraní Antigo), nominalizações com *-emi-* exprimem o resultado de um processo verbal ou o objeto desse, como ilustrado nos seguintes exemplos do Tupinambá, do Kamayurá, do Asuriní do Tocantins e do Zo'é:

¹ An = Anambé; Ap = Apiaká; Ad = Ararandewára; Ar = Araweté; As-T = Asuriní do Tocantins; As-X = Asuriní do Xingu; Av-C = Avá-Canoeiro; Em = Emerillon; Ch = Chiriguano; GA = Guaraní Antigo; Gu = Guajá; Gj = Guajajara; Gr = Guayakí; Gy = Guarayo; Is = Isocoño; Kw = Kaiwá; Km = Kamaiurá; Ka = Ka'apor; Kb = Kayabí; LGA = Língua Geral Amazônica; Mb = Mbyá; Nd = Nandewa; Pa = Parakanã; Pr = Parintintin; Su = Suruí; Tp = Tapirapé; Tm = Tembé; Tb = Tupinambá; Tk = Tupinikín; Wa = Wayampí; WJ = Wayampí Pukú; Xe = Xetá; Zo = Zo'é; PT = Proto-Tupí; PTG = Proto-Tupí-Guaraní.

² Nas línguas da família Tupí-Guaraní, há vários nomes de artefatos e alguns outros conceitos que têm duas formas temáticas, uma iniciada por *e-* e a outra sem essa vogal inicial. São os nomes da classe II_d, referidos adiante, classe a que pertencem também os temas derivados pelo prefixo *-emi-*. Em Tupinambá *-ekúy ~ kúy* 'cuia', *-epanakū ~ panakū* 'cesto de carregar', *-emetár ~ metár* 'tembetá', *-emo'ém ~ mo'ém* 'mentira', etc. Na mesma classe, há também um nome aparentemente irregular, cujo tema sem *-e-* começa por vogal, em contraste com os "regulares", que começam por consoante. Este nome recebe *-ep-* em vez de *-e-*: *-epurú ~ urú* 'cesto para miudezas' (e seu derivado *-epuripém ~ uripém* 'peneira'). É possível que *-e-* seja originalmente *-ep-* com perda regular da consoante final diante da consoante inicial do tema, portanto, com a mesma forma que é regular em Makuráp.

Tupinambá

- 1) tupã Ø -sí sjé Ø-mo-murw-ár-a opá=katú sjé r-emi-ár-a
 Deus R¹-mãe 1 R¹-CAUS-raiva-NA-ARG todo=mesmo 1 R¹-no-pegar-arg

sjé Ø-pó Ø-suí s-era-só-w
 1 R¹-mão R¹-de R²-CC-ir-IND.II

‘a mãe de Deus, minha desafiadora, levou de minhas mãos todas as minhas presas (ou todos os pegados por mim)’ (ANCHIETA, 1977, p. 209)

- 2) ajēté kó né r-apé-Ø a'é né r-emi-ekár-a
 na-verdade este 2 R¹-caminho-ARG esse 2 R¹-NO-procurar-ARG
 ‘na verdade, este é o caminho de você, esse é a coisa procurada de você’ (ANCHIETA, 1977, p. 222)

Kamayurá

- 3) jawár-a o-jewacem t-a'ír-a je= r-emi-pihík-er-a
 onça-ARG 3-fugir 3-filho-ARG 1SG= R¹-NOM-pegar-PAS-N
 ‘fugiu a onça cujo filhote eu peguei’ (SEKI, 2000, p. 182)

jawewír-a je= r-emi-atsĩ-ok-er-a o-manõ
 arraia-ARG 1SG= R¹-NOM-esporão-arrancar-PAS-ARG 3-morrer
 ‘a arraia cujo esporão arranquei morreu’ (SEKI, 2000, p. 182)

Asuriní do Tocantins

- 4) waronaré konomí-a o'ó konomi-tó-a r-emi-'ó-a waronaré
 waronaré criança 3-ingerir criança-COL-ARG R¹-NO-ingerir-ARG waronaré
 ‘waronaré criança come, (a) comida da criança é waronaré (ou o comido pela criança é waronaré)’

Zo'é

- 5) Ruwúrabũj ji-awú Wakerypý-pe: e-kwá Ø-pyké=tarak Ø-apó
 Ruwúrabũj R²-fala Wakerypý-DAT e-passe R⁴-banco=duro R¹-fazer

e-hó e-rúr-í a'e-rabẽ Ruwuhý r-ebi-re-há-rér-a o-hó té r-esák
 2-ir 2-trazer-ENF esse-quando Ruwuhý R¹-NO-CC-levar-RETR-ARG 3-irpedra R¹-ver
 ‘Ruwúramũj falou para o Wakerypý: - vá para fazer banco duro! vá (e o) traga! então o levado (enviado) por Ruwuhý foi para ver pedra’

Nos exemplos acima, pode ser observado que os temas derivados por meio de *-emi-* se combinam com um prefixo *r-*, que, na análise aqui adotada, integra um paradigma flexional na família Tupí-Guaraní, cuja função é a de estabelecer relações de dependência (determinação) entre um tema relativo e o seu determinante (RODRIGUES, 1981; CABRAL, 2001). Assim, todo tema relativo requer um determinante e essa relação é estabelecida na sintaxe

pela estrutura [(determinante) R-determinado]. Se o determinante forma com o determinado uma unidade sintática [determinante R-determinado], o segundo é marcado por um dos dois alomorfes do prefixo relacional 1 (R^1 -), \emptyset - e r -. Temas da classe II se combinam com o alomorfe r -, como é o caso dos temas derivados por *-emi-*, e temas da classe I se combinam com o alomorfe \emptyset - do mesmo prefixo. Se o determinante não forma com o tema determinado uma unidade sintática [(determinante)] [R-determinado] ou [R-determinado] [(determinante)], e o determinante é diferente da primeira e da segunda pessoas e diferente do sujeito, o determinado se combina com um dos alomorfes do prefixo relacional 2 (R^2 -), que são *i*- (todos os temas da classe I) ou *s*- em Tupinambá, *b*- em Kamayurá, Asuriní do Tocantins, Parakanã, Tembê, Ka'apór, e \emptyset - em Zo'é e Wayampí, por exemplo. Há ainda a situação em que o determinante é genérico [R-determinado], na qual ocorre o prefixo relacional genérico, R^3 , que tem o alomorfe \emptyset - nos temas da subclasse Ia e o alomorfe *m*- nos temas da subclasse Ib. Já nos temas da classe II, os alomorfes de R^3 são *t*- nas subclasses IIa, IIb e IIc e \int - na subclasse IIc. Os temas da subclasse IIc, quando o seu determinante é genérico, podem alternativamente perder a vogal inicial como marca de R^3 , caso em que não recebem o *t*-. Observamos que todos os temas formados com *-emi-* pertencem a esta subclasse e que, quando o determinante é genérico, ambas as formas são possíveis, como, por exemplo, em Zo'é, em que *t-ebi-é* alterna livremente com *bi-é* 'animal de estimação (de gente)' e *t-ebi-r-iká* alterna livremente com *bi-r-iká* 'a/o que se faz ficar consigo'.

Essas observações sobre os relacionais Tupí-Guaraní são pertinentes para este estudo, pois fundamentarão a correlação que faremos mais adiante entre o prefixo *-emi-* das línguas dessa família e cognatos desse morfema em outras famílias do tronco Tupí.

Ainda com respeito às construções com *-emi-* em Tupí-Guaraní, ressaltamos que algumas delas passaram a ser usadas para se referir a entidades específicas, como é o caso da nominalização do tema *-er-ekó-* /-CCOM-estar.em.movimento/ 'fazer ser/estar consigo', que se fixou com o significado de 'esposa' em línguas como Tupinambá, Guaraní Antigo, Suruí, Tembê, Asuriní do Xingu, Anambé, Parintintín, Araweté, entre outras³. Uma ilustração disso é o próximo exemplo do Tupinambá:

³ Sobre a palavra esposa em línguas Tupí-Guaraní, ver Rodrigues (1996).

Tupinambá

- 6) moβý=pe amẽ aβá r-emi-r-ekó-eté
 quantos=INT sempre homem R¹-NO-COM-estar.em.movimento-verdadeiro
 ‘quantas são as esposas verdadeiras do homem?’ (ARAÚJO, [1618] 1952, p. 94v)

Nominalizações com *-emi-* se especializaram em várias línguas em nomes genéricos, muito provavelmente pela frequência com que teriam mediado relações genitivas entre um determinante e um nome não possuível, como os nomes de animais, por exemplo.

Na nossa hipótese, essa mediação se fazia possível pela combinação de um antigo prefixo *-e-* ‘mediador de posse’ com o prefixo *mi-* na derivação de nomes de objeto. Em Zo’é, a nominalização do tema *-á* ‘pegar’ com *-ebi-* resulta em *-ebi-é-* ‘coisa pegada (por alguém)’ (PTG **-e-mi-ár-*), que especializou seu significado, passando a referir ‘animal de criação’, como em *e r-ebi-é tajahú* /1 R¹-NO-pegar porcão/ ‘o pegado por mim (o) porcão’⁴. Em várias línguas da família Tupí-Guaraní, a nominalização de objeto do verbo *-ú* ‘ingerir’ lexicalizou-se com o significado de ‘comida (gen.)’. Em Zo’é, a forma correspondente não é mais segmentável, como evidencia a nasalização da vogal *u* do tema verbal, que deve ter ocorrido em época anterior à da desnasalização das consoantes nasais do Zo’é, precedendo sílaba com acento oral (CABRAL, 1996).

Passando agora à língua Awetí, (família Awetí), o morfema correspondente ao TG *-emi-* é o prefixo *-emí-*, que deriva formas que indicam o resultado do processo verbal ou o objeto deste, como ocorre em Tupí-Guaraní. Nos exemplos 7, 8 e 9 da língua Awetí, apresentados em seguida, o que está em foco é o objeto questionado, não o processo verbal, e as nominalizações com *-emí-* respondem justamente a essa demanda pragmática.

- 7) it-emi-moʔék-e-tukát uyáə Yakuʔi-pe
 1-NO-fazer-?-CPREP esse Yakuʔi-DAT
 ‘esse é o mandado fazer por mim à Yakuʔ’
- 8) yo-pwáy-tukát i-kití it-emi-moʔék-e-tukát-út
 2-pedir-CPREP 1-na.direção.de 1-NO-fazer-?-CPREP-RETR
 ‘mande fazer para mim o encomendado por mim’

⁴ Os índios Zo’é mantêm porções (taiaçus), tal como fazem com cutias, macacos e outros animais.

- 9) kát e-*emi*-tsún-yu
 (o) que 2-NO-cheirar-PROGR
 '(o) que (é a) coisa cheirada por você?'

Nos exemplos 7, 8 e 9, o uso da nominalização põe em evidência o resultado dos processos expressos pelas respectivas raízes verbais *-mo'èk-* 'fazer' *e-tsún-* 'cheirar', que são a base dessas nominalizações, razão pela qual são usadas em perguntas, como em 9. Fica claro que esse processo, em línguas, como o Awetí e o Tupinambá, tem primeiramente motivações pragmáticas, ou seja, são essas motivações que acionam o uso de tais nominalizações.

Também em Awetí, como em Tupí-Guaraní, nominalizações com *-emi* servem para mediar a posse de nomes não possuíveis, como em *n-emi-yát* 'presa dele (peixe)', *kay-emi-yát* 'nossa presa (peixe)'. Note-se, contudo, que, quando a nominalização tem determinante genérico, a derivação é feita apenas com *mi-*, como em *mi-'ú-e'ím kitã* 'isso não é comida', o que conta a favor da hipótese de que em Awetí, como em Tupí-Guaraní, o mediador de posse *-e-* acrescentava-se ao tema derivado por *mi-* resultando em um nome de objeto possuível. Em Awetí, embora o prefixo *-e-* tenha se fundido com o prefixo *mi-* quando o determinante era menos genérico, preservou-se a forma original do prefixo *mi-* quando o determinante era não-genérico. Já em Tupí-Guaraní, o uso do morfema *-e-* foi estendido para as situações em que o determinante era genérico, mas ficou oscilando com a ausência deste, de sorte que, na atualidade, várias línguas têm duas formas genéricas para as palavras da subclasse II_d, como em Tupinambá *t-emi'ú ~ mi'ú* 'comida (de gente)'.¹

Quanto à família Mundurukú, Crofts (1985) fornece vários exemplos de nominalizações com o prefixo *mi-*, cognato do PTG **(e)mi-* e do Awetí *(e)mi-*, e que também deriva temas que focalizam o resultado do processo verbal. Esse prefixo ocorre sempre precedido por *e*, que nesta língua marca posse opcional ou alienável:

- 10) hm hm w-*e-mi*-a-da'a o'óm òn
 Sim 1-AL-NO-CL-cozer comer.PROGR 1

xá-á o'óm y-a-kay du ãn
 pequi-CL comer.PROGR R²-CL-para INT 2

'Sim. É a fruta cozinhada por mim que estou comendo, comendo pequi. Você quer?'

(CROFTS, 1985, p. 223)

Em Mawé (família Mawé), a forma do prefixo correspondente é *mi-* e as derivações por meio deste têm função análoga a dos seus cognatos nas três famílias já consideradas:

- 11) yara ete-iat *mi*-enoi
 canoa sobre-NZR NO-contar
 ‘o contado sobre a canoa’ (FRANCESCHINI, 1999, p. 266)
- 12) torania a-ti-koi hit u i-*mi*-kuap
 todo 1-3-plantar pouco 1 ?-NO-conhecer
 ‘eu plantei todo (o) conhecido por mim’ (FRANCESCHINI, 1999, p. 266)
- 13) to-i-tek to-wat to-*mi*-’auka
 3-R²-cortar 3-NZR 3-NO-matar
 ‘ele cortou o seu, o morto por ele mesmo’ (FRANCESCHINI, 1999, p. 266)

Mas o Mawé apresenta também o que Franceschini (1999, p. 34) chama de índice de relação de posse alienável *-e-* (*u b-e-yará* / 1 R²-MPI-canoa/ ‘minha canoa’; *u b-e-lápi* / 1 R²-MPI-LÁPIS/ ‘meu lápis’), que se soma aos mediadores de posse indireta do Mundurukú, do Makuráp, do Awetí e do Tupí-Guaraní.

Como mostrado nessa seção, das cinco famílias orientais do Tronco Tupí, quatro possuem formas cognatas de um morfema que deriva nomes de temas verbais transitivos, os quais, na sintaxe, focalizam o objeto do processo expresso pelo tema verbal original ou o resultado desse. As mesmas famílias apresentam formas cognatas de um morfema que faz a mediação em relações de posse indireta.

Reflexos do PT ****mi-** em famílias do ramo ocidental

Das cinco famílias do ramo ocidental do tronco Tupí, duas apresentam morfemas que são demonstravelmente cognatos do prefixo nominalizador de objeto encontrado em línguas Tupí do ramo oriental. Nas línguas da família Tuparí, são os prefixos *-i-* do Akuntsú, *-i-* do Mekéns, *-i-* do Tuparí e *-ĩ-* do Makuráp. Em todas essas línguas, como nas demais famílias mencionadas até aqui, a base da derivação é um tema transitivo e o resultado da derivação é um nome que refere o objeto do verbo original, ou o resultado do processo expresso. Exemplos dessas nominalizações na família Tuparí são dados a seguir:

Akuntsú

- 14) tawtʃé u-*i*-mí
 porção 1-NO-matar
 ‘porção (é) o matado por mim’ (ARAGON, notas de campo)

Tuparí

- 15) ka'are e-*i*-top to'é
 que 2-NO-ver
 ‘o que você viu?’
- 16) apo o-*i*-tóp
 quem 1-NO-ver
 ‘quem eu vi?’ (pedindo confirmação do perguntado)

Note-se que, em Tuparí, como demonstrado por Rodrigues (2006), a consoante *m* caiu em posição inicial de palavra quando diante de *i* (PT ***min-* ‘estreme, espinho’ > Tp *'i*, caso determinado *'in* < **'ĩ* + *-t*; PT ***mirĩ* ‘pequeno’ > Tp *'in*). A língua Tuparí perdeu a nasalidade nas vogais altas. Esses fatos fundamentam a hipótese de que o prefixo *-i-* encontrado nas construções em 15-16 é o resultado da mudança de uma forma anterior **mi-* (*m* > \emptyset / #__*i*).

Em Makuráp, outra língua da família Tuparí, a forma fonológica do nominalizador de objeto é *-ĩ-*:

- 17) arikop [e y-*ĩ*-peat-a]
 o.que [2 R¹-NO-procurar]
 ‘o que é a coisa procurada por você?’ ou ‘o que você está procurando?’ (BRAGA, comunicação pessoal)
- 18) xauwi [eki y-*ĩ*-peat-a]
 criança [23 R¹-NO-procurar]
 ‘a criança procurada por vocês’ ou ‘a criança que vocês procuram’ (BRAGA, comunicação pessoal)

A forma nasal do morfema em Makuráp constitui uma indicação segura de que teria sido derivada da forma *mi-*, que, com a queda do *m* inicial, teria preservado a nasalidade do morfema no segmento vocálico *ĩ*. Soma-se a esses fatos o de que temas derivados com morfemas cognatos em outras famílias Tupí associam-se à classe temática II, e flexionam-se pelo prefixo relacional de contigüidade 2 (ou R²), como acontece em Tupí-Guaraní e em Mundurukú, em que as formas fonológicas desse prefixo são respectivamente *r-* e *d-*. Em Makuráp, como demonstrado por Braga (2005),

o R² tem dois alomorfes, x- [iʃ] e y- [ñ], o primeiro combinando-se com temas orais e o segundo com temas nasais. A combinação dos temas do Makuráp derivados por meio de -ī - com o prefixo relacional R² é outro forte argumento de que o morfema -ī - dessa língua não apenas é cognato do nominalizador de objeto encontrado nas línguas orientais, mas também que a antiga forma do morfema, possivelmente antes da separação das famílias orientais, deveria ser *-emi-*, que formava temas da classe II e se combinava com todos os alomorfes dos prefixos relacionais dessa classe. Observamos que temas da classe II em línguas Tupí são iniciados por vogais e, se o nominalizador de objeto é derivável de uma forma *-emi-*, deve ter havido a queda da vogal inicial concomitantemente com a queda do *m* inicial, que se encontrava diante de *i*. Dessa forma pode ser explicada a manutenção da combinação do relacional 2 com a forma mudada do antigo prefixo.

No que diz respeito ao Mekéns, também da família Tuparí, Galúcio (2001, p. 278) descreve as construções sintáticas em que esse morfema ocorre da seguinte forma:

[...] o SN correspondente ao objeto temático ocorre em uma posição de foco fora do sintagma verbal (SV), o verbo é marcado com o prefixo *i-*, não recebe flexão de tempo e aspecto e apresenta um padrão de concordância (de pessoa) distinto do padrão geral da língua.

Galúcio (2001, p. 279) identifica as seguintes situações em que a construção ocorre: (a) quando o objeto é focalizado; (b) em perguntas cujo foco é o objeto; e, (c) em cláusulas relativas de núcleo de objeto. Ela exemplifica (a) e (b), contrastando construções com objeto sintático em posição pré-verbal (não-marcadas, segundo Galúcio) com construções em que o objeto não aparece nessa posição:

- 19) amenko aose sogo-a-t⁵.
cachorro/onça homem morder-v.T.-pas.
'O cachorro mordeu o homem'
- 20) arob=ēp te amenko i-sogo
Que=realmente foc cachorro/onça OD-morder
'Quem o cachorro mordeu?'

⁵ Numeração original 7a

- 21) ãsi ŋwaẽ õ-a o-arop na
 mãe panela dar- V.T. 1s-coisa VBRLZR
 'Minha mãe deu a panela para mim' (Lit: Minha mãe deu a panela para ser minha coisa (possuída))'
- 22) ŋwaẽ te ãsi i-õ-p o-arop na
 panela foc mãe 3-dar 1s-coisa VBRLZR
 'Panela, minha mãe me deu para ser minha coisa (possuída)'

Galúcio (2002) considera duas possibilidades com respeito ao prefixo *i-*: a) de este ser um morfema antipassivo ou um morfema pronominal incorporado; e, b) de que as construções com *-i-* sejam nominalizações decorrentes de um morfema nominalizador zero, análise esta que, segundo a autora, seria compatível com a análise de *-i-* como um morfema pronominal incorporado. Outros exemplos do Mekéns que ilustram a ocorrência do prefixo *-i-* são os seguintes:

Mekéns

- 23) ãt te [o-i-sop] Ikãõ
 2 FOC [1-OM-see] that time
 'tu, eu vi àquela hora' (GALÚCIO, 2002, p. 277)
- 24) kiyipit ko pa õt e-i-at
 fish ingest FUT 1 2- OM -get
 'I will eat a fish that you caught' (GALÚCIO, 2002, p. 81)

Galúcio (2001, p. 286-287) conclui que o prefixo *-i-* funciona como uma marca de objeto incorporado e que a construção com esse prefixo envolve um SV nominalizado.

Comparando os dados do Mekéns com dados das outras línguas da família Tuparí, fica evidente que o morfema *-i-* do Mekéns, nos exemplos aqui apresentados, é cognato do morfema nominalizador de objeto das línguas Tupí, com forma derivável de uma forma anterior **(e)mi-*, tendo mantido até os dias atuais a mesma função, a de pôr em evidência o resultado do processo verbal e não o processo em si.

Finalmente, com respeito ao Karitiána, propomos que o morfema *-ti-* que se combina com temas verbais transitivos, correlaciona-se com o nominalizador de objeto das demais línguas Tupí aqui discutidas. Storto

(1999) descreve as construções, em que esse prefixo ocorre, como construções de foco de objeto, como o faz Galúcio (2001). Dentre os exemplos dados por Storto (1999) para ilustrar as construções com *-ti-*, destacamos os seguintes:

25) mora-mon [i ti-oky-t]
 wh-cop [3 OCF-part-kill-nfut]
 'who killed what?' (lit.: what did 'he' kill?) (STORTO, 1999, p. 137)

26) sepa [y-ti-m-'a] ty-ja-t
 basket [1- OCF -CAU-do] IMPERFECTIVE.sitting-NFUT
 'the basket I am weaving' (STORTO, 1999, p. 163)

27) 'ep aj-ti-pasangã-t ajxa
 trees 2- OCF -count-NFUT 2pl
 'trees, you are counting' (STORTO, 1999, p. 163)

Galúcio (2001, p. 286), ao comparar as construções do Karitiána com as do Mekéns, observa que “[...] o contexto sintático e a forma das construções com *ti-* em Karitiana são análogos àqueles da construção de foco (temático) do objeto em Mekéns” e que “[...] o prefixo *ti-* corresponde ao prefixo *-i-* do Mekéns.” Concordamos com a autora quanto ao fato de o prefixo *ti-* do Karitiána ser cognato do Mekéns *-i-*, mas discordamos de que este seja o mesmo prefixo *i-* que se combina com nomes e verbos em Mekéns, como proposto por ela. Os exemplos apresentados em seguida, extraídos de Galúcio (2001) ilustram os dois prefixos que essa autora analisa como sendo um só prefixo pronominal:

28) o-ka Kot kaabese i-ko pa ãt te⁶
 1s-ingirir FUT.IM. se/quando OD-ingirir FUT tu FOC
 pe=ia perek ki
 OBL=lagoa comprida água
 'tu podes me comer, se/quando tu beberes toda a água dessa lagoa comprida (T_{xt})
 (GALÚCIO, 2001, p. 275)

29) arob=ẽp te te e-i-mi⁷
 que=realmente verdadeiro FOC 2- OD-matar
 'o quê mesmo que tu mataste?' (GALÚCIO, 2001, p. 275)

⁶ Numeração do original 2a.

⁷ Numeração do original 2b.

Na nossa análise, o prefixo *i-* do exemplo 28 é cognato do alomorfe *i-* do prefixo relacional de não-contigüidade da família Tupí-Guaraní. Já o prefixo *i-* do exemplo 29 é um nominalizador de verbos transitivos cognato do Karitiána *(t)-i- e das formas correspondentes ao nominalizador de objeto das demais línguas e famílias focalizadas neste estudo.

Com respeito à forma *ti-* do Karitiána, propomos que o segmento *t* do morfema é um provável vestígio do antigo prefixo relacional que ocorria com temas da classe II, cognato do Makuráp *x- ~ y-*, do Mundurukú *d-*, do Awetí *t-*, do Akuntsú *t-*, do Tupí-Guaraní *r-* e do Paitér (família Mondé) *l-*, como nas expressões para ‘meu pai’ abaixo:

Akuntsú	Awetí	Mundurukú	Makuráp	Paitér	Tupí-Guaraní
o <i>t-óp</i>	<i>i-t-úp</i>	o <i>d-up</i>	o <i>x-op</i>	o- <i>l-óp</i>	* <i>cjé r-úß</i>

Sendo vestígio de um antigo relacional de contigüidade da classe II, o segmento *t* do morfema Karitiána se combinaria com temas derivados por meio do prefixo *-emi-*, que, como já observamos, deriva temas da classe II. Em Karitiána, como nas demais línguas ocidentais, a seqüência *-e-mi-* teria sido reduzido a *-i-* ou *-ĩ-*, mas, diferentemente do Makuráp, em que o prefixo relacional de contigüidade continua ativo, e do Tuparí e Mekéns, em que o cognato deste prefixo desapareceu, teria sido reanalisado como parte da forma fonológica do morfema, mas teria preservado sua ocorrência em situações em que o determinante é o elemento à esquerda do tema determinado.

Mais recentemente, Storto retomou a discussão das correspondências entre os marcadores de pessoa no Karitiána e em outras línguas Tupí (STORTO, 2005). Interpretando o prefixo *ti-* do Karitiána como marcador de voz inversa em construções como ‘*ep i-ti-pasagnã-t João* ‘árvores, João está contando’, considera que as sentenças inversas do Mekéns, como *sirap te o-i-ko* ‘foi massaco de mandioca (*sirap te*) que eu comi (*oiko*)’ são exatamente paralelas às sentenças inversas de foco do objeto em Karitiána, mas diferem no fato de a construção do Mekéns não apresentar morfologia de tempo e aspecto. Para nós, essa diferença é relevante e decorre do fato de a construção *o-i-ko* ser uma nominalização, em que *-i-ko* corresponde exatamente ao Tupí-Guaraní *mi-ʔu*, Proto-Tupí-Guaraní **mi-kʔu* ‘a coisa comida’. Aliás, a expressão Karitiána *y-ti-ʔy* ‘minha comida’ corresponde perfeitamente à forma do Mekéns.

Analogias extra-Tupí

Na língua Xavante (família Jê, tronco Macro-Jê), há uma nominalização de objeto notavelmente semelhante à da família Tupí-Guaraní, inclusive na forma fonológica do prefixo: *imi-* (RODRIGUES, 2000). Apesar de algumas evidências de relações genéticas muito antigas entre as línguas Jê e as do tronco Tupí, não é possível, ainda, decidir se essa grande semelhança entre as nominalizações de objeto deve-se à herança comum ou a alguma situação de contacto lingüístico. O Xavante pertence ao ramo central das línguas Jê e não temos conhecimento de forma correspondente nas línguas dos outros dois ramos, o meridional e o setentrional.

A maioria das línguas da família Karíb também tem uma nominalização de objeto formada por prefixo em construção paralela à das línguas Tupí-Guaraní (GILDEA, 1994). Apesar da extraordinária semelhança estrutural entre essas nominalizações, da existência de outras construções morfossintáticas paralelas entre Karíb e Tupí (DERBYSHIRE, 1994) e de indicações de remoto parentesco genético entre esses dois grandes conjuntos de línguas (RODRIGUES, 1985), GILDEA (1994, p. 174) considerou não haver base para propor que o prefixo *ni-* das línguas Karíb seja cognato do **emi-* do Proto-Tupí-Guaraní (na reconstrução proposta por Jensen, 1990):

First, the forms are not transparently related phonologically: **emi-* has two syllables, a bilabial nasal, and a front vowel; **ni-* one syllable, an alveolar nasal, and either a central or a back vowel. In order to argue for cognacy, we must be able to tell a convincing story about the phonological changes that each form has gone through in evolving away from their common source form. Without much more comparative reconstruction within the Tupian stock, such a story cannot be told.

Entretanto, como vimos acima, a forma do prefixo nominalizador de objeto em Tupí-Guaraní era mais provavelmente **mi-* com uma só sílaba, sendo **e-* um outro morfema indicador de posse alienável. Isso torna **mi-* mais comparável ao prefixo *ni* das línguas Karíb. A diferença no ponto de articulação das consoantes pode ter sido conseqüência de palatalização de *m* diante de *i*: **mi* > *m'i* > *n'i* > *ni*. A diferença vocálica é comparável à que ocorre nos prefixos que em Tupí e em Karíb marcam nos nomes (e nos verbos) a não-contigüidade do determinante, Proto-Tupí *i-* e em algumas

línguas Karíb, como o Hixkaryána, *ĩ*. É possível que **ni-* tenha se tornado *nĩ-* por analogia com outros morfemas das línguas Karíb.

Algumas conclusões

Neste estudo, demonstramos que sete das dez famílias que constituem o tronco Tupí (RODRIGUES, 1986) compartilham o mesmo processo que deriva, a partir de um verbo transitivo, um nome que se refere ao resultado do processo verbal ou ao objeto deste. Nesse processo derivacional, o correspondente ao agente do processo verbal torna-se nome e o que corresponderia ao agente do verbo em um predicado verbal é realizado como o possuidor do nome derivado, ou o seu determinante. Demonstramos que as formas desse morfema através das línguas são deriváveis de uma forma ancestral ***mi-*, combinada com a forma ***e(p)-*, que formava nomes de uma classe específica de temas, que aqui chamamos de classe II. Esse processo derivacional nas línguas Tupí relaciona-se a necessidades pragmáticas de enfatizar “o feito”. Uma das situações em que mais se realça a ênfase no resultado de um processo é quando um objeto é questionado, como ilustrado pelos exemplos 9 e 29, respectivamente, do Awetí e do Mekéns. Nominalizações com reflexos do PT ***mi-* também são largamente usadas nas línguas para mediar posse de entidades não-possuíveis e, finalmente, em várias línguas Tupí-Guaraní, em línguas da família Tuparí, no Karitiana e no Awetí, são encontradas nominalizações com reflexos do PT ***mi-* que se especializaram, tendo passado a referir entidades específicas, como ‘esposa’ e ‘comida’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, J. **Teatro de Anchieta**. Obras Completas, 3º. Volume: Originais acompanhados de tradução versificada, introdução e notas pelo P. Armando Cardoso, S. J. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

ARAÚJO, A. (Org.). **Catecismo na língua brasileira**. Reprodução fac-similar. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952. 95 p. Edição original: Coimbra, 1618.

CABRAL, A. S. A. C. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)**, Fortaleza, n. 25, p. 233-262, 2001.

CABRAL, A. S. A. C. Grammatical changes in Tupí languages. In: ANNUAL MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 77th, 2003, Atlanta (EUA). **Proceedings...** Atlanta (EUA), 2003. [s.p.].

CABRAL, A. S. A. C. Notas sobre a fonologia segmental do Jo'ê. **Moara, Revista dos Cursos de Pós Graduação em Letras/UFPA**, Belém, n. 4, p. 23-45, 1996.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS, 1., 2001, Belém. **Anais...** Belém: Anpoll, 2001. p. 138.

CROFTS, M. **Aspectos da língua Mundurukú**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1985. p. 215-217.

DERBYSHIRE, D. Clause Subordination and Nominalization in Tupí-Guaraní and Cariban Languages. **Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos**, Lima, v. VIII, p. 179-198, 1994.

DIETRICH, W. Categorias lexicais nas línguas Tupi-Guarani (visão comparativa). In: QUEIXALOS, F. (Org.). **Des noms et des verbes en tupi-guarani : état de la question**. Munique: Lincom Europa, p. 21-37, 1990.

FRANCESCHINI, D. C. Le temps et l'aspect en sateré-mawé. **Actances**, Paris, v. 10, p. 137-161, 1999.

GALÚCIO, A. V. O prefixo *i-* em Tupi: morfema antipassivo vs. marcador pronominal incorporado. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.). **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**, tomo I:274-287. Belém: EDUFPA, p. 274-287, 2002.

GALÚCIO, A. V. **The morphosyntax of Mekens (Tupi)**. 2001. 254f. Tese (Doutorado em Linguística) – Linguistic Departamento of the University of Chicago, Chicago, 2001.

GILDEA, S. L.. Semantic and pragmatic inverse - inverse alignment and inverse order in Cariban of Surinam. In: GIVÓN, T. (Org.). **The pragmatics of Voice: Active, Inverse and Passive**. 1 ed. Amsterdam: John Benjamins, v. 1, p. 187-230, 1994.

JENSEN, C. J. **O desenvolvimento histórico da língua Wayampí**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

RODRIGUES, A. D. Argumento e predicado em Tupinambá. **Boletim da Associação Brasileira de Lingüística**. Recife, v. 19, p. 57-66, 1996.

RODRIGUES, A. D. Estrutura do Tupinambá. Ms. 1981.

RODRIGUES, A. D. Ge-Pano-Carib x Jê-Tupí-Karib: sobre relaciones lingüísticas pré-históricas em Sudamérica. **Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica** Lima, v. 1, p. 95-104, 2000.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo tupi. **Letras**, Curitiba, v.1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, A. D. Reconstrução das consoantes do Proto-Tupí. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Org.). **Línguas e Culturas dos Povos Tupí**. Brasília: Dupligráfica Editora, v. 1, [s.p], 2006 (no prelo).

RODRIGUES, A. D. Sobre o desenvolvimento de padrões absolutivos em famílias orientais do tronco Tupí. In: QUEIXALÓS, F. (Org.). **Ergatividade na Amazônia II**, Brasília:UnB, p. 69-81, 2004.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. The alignment system of Proto-Tupí. A contribution to the study of ergativity in Amazonia. In: QUEIXALÓS, F. (Org.). **Ergatividade na Amazônia III**, França: CNRS/IRD [s.p], 2004.

RODRIGUES, A. D.; DIETRICH, W. On the Linguistic Relationship between Mawé and Tupi-Guarani. **Diachronica**, v. 14, p.2:265-304, 1997.

ROSE, F. **Morphosyntaxe de Pémérillon. Une langue tupi-guarani de Guyane française**. 2003. 678f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) Département de Sciences du Langage, Université Lumière Lyon II, Lyon, 2003.

SEKI, L. **Gramática do Kamaiurá, língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000. 482 p.

STORTO, L. **Aspects of a Karitiana Grammar**. 1999. 157 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1999.

STORTO, L. R. Caso e Concordância nas Línguas Tupi. **Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. XXXIV, p. 59-72, 2005.

Recebido em julho de 2006.

Aprovado para publicação em novembro de 2006.

Publicado em dezembro de 2006.

SOBRE OS AUTORES

Aryon Dall'igna Rodrigues é doutor em Linguística pela Universität Hamburg U.H., Alemanha (1959). Foi professor efetivo da Universidade Federal do Paraná – UFPR; Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ; e Universidade estadual de Campinas - Unicamp. Foi professor visitante nas universidades Leiden University, LEIDEN, Holanda; University of California, U.C., Estados Unidos; Universidad Nacional Autonoma de Mexico, UNAM, México; Universidad de La Republica, UDELAR, Uruguai; Universität Münster, Alemanha; Universidade do Rio Grande do Sul – URGs; Universidade de São Paulo – USP; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal da Bahia – UFBA; Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e da Univerdade Federal do Pará - UFPA. É membro fundador da Associação Brasileira de Linguística, membro honorário da Linguistic Society of America (LSA) e da Society for the Study of the of the Indian Languages of the Americas (SSILA) e professor emérito da UnB, onde é esquisador associado sem ônus para a Universidade de Brasília. É líder, juntamente com a Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas* (CNPq/UnB). Autor de mais de 65 artigos publicados em revistas nacionais internacionais, entre os quais: *As vogais orais do Proto-Tupí; O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guarani; Línguas nãoTupí da Bacia do Tocantins; Ergativité dans lê nord-est brésilien: la famille Kariri; Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia; Os Coudreans e as línguas do Xingu; Evidências de relações Tupí-Karib; Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê; Problemas relativos à descrição do Português contemporâneo como língua padrão no Brasil; Biodiversidade e diversidade linguística na Amazônia; alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guarani.*; autor mais de 30 capítulos de livro e autor e co-organizador de vários livros, entre os quais: *Novos estudos sobre as línguas indígenas; Mair ixo rajá yamm ke je; Dicionário Asurini do Tocantins-Português; Livro de relatos Asurini; Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas; Bibliografia das línguas Macro-Jê; Estudos sobre línguas indígenas.*

Temas de pesquisa: línguas indígenas; fonologia; morfologia; sintaxe; lingüística histórica; tronco lingüístico Tupí e tronco lingüístico Macro-Jê.

E-mail: (aryon.rodrigues@pq.cnpq.br).

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral é doutora em Lingüística pela University of Pittsburgh - U.P. Realizou Pós-Doutorado em Lingüística Histórica na Universidade de Brasília -UnB. Foi professora da Universidade Federal do Pará e, atualmente, é professora adjunto IV na Universidade de Brasília – UnB, onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Lingüística. É líder, juntamente com o Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas* (CNPq/UnB); co-organizadora de vários livros, entre os quais: *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*; *Dicionário Asuriní do Tocantins – Português*; *Por uma educação indígena diferenciada*; *Mair ixo rahã yman ke je*. autora de capítulos de livro, entre os quais: *Sobre a História das Línguas Tupí-Guaraní Faladas no Tocantins*; *O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní*; *O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní*; *Algumas observações sobre a história social da língua geral amazônica*. autora de vários artigos publicados em revistas especializadas e anais de evento, entre os quais: *Fonologia da língua Zo'e*; *Observações sobre a história do morfema -a da família Tupí-Guaraní*; *A Posição do Akuntsú na Família Lingüística Tupari*; *Flexão relacional na família Tupí-Guaraní*; *Contribuição aos estudos comparativos da família Tupí-Guaraní*; *Evidências morfológicas para a não-classificação genética do Kokáma*.

Temas de pesquisa: línguas indígenas; Tronco Tupí; Tronco Macro-Jê; línguas Aruák; fonologia; lexicografia; línguas em contato; gramática e Lingüística Histórica.

E-mail: ana.cabral@pq.cnpq.br

Beatriz Carretta Corrêa da Silva é mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília. - UnB, onde realiza o Doutorado em Lingüística, sob orientação de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. É co-autora e autora de artigos publicados em revistas e autora de capítulos de livro. É pesquisadora do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas* (CNPq/UnB).

Temas de pesquisa: Línguas Indígenas Brasileiras, Tronco Tupí, Família Tupí-Guaraní, Etno-História e Etnolingüística

E-mail: beacarretta@yahoo.com.br